

**UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ**  
**Mayse Itagiba Rooke**

**INTERGERACIONALIDADE E A CONSTRUÇÃO DA**  
**IDENTIDADE FEMININA**

**TAUBATÉ – SP**

**2024**

**Mayse Itagiba Rooke**

**INTERGERACIONALIDADE E A CONSTRUÇÃO DA  
IDENTIDADE FEMININA**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Intervenção Familiar: Psicoterapia, Orientação e Mediação de Conflitos.

Orientadora: Profa. Dra. Ceneide Maria de Oliveira Cerveny

**Taubaté – SP**

**2024**

**Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBi/UNITAU  
Grupo Especial de Tratamento da Informação - GETI**

R777i	<p>Rooke, Mayse Itagiba Intergeracionalidade e a construção da identidade feminina / Mayse Itagiba Rooke. -- 2024. 47 f. : il.</p> <p>Monografia (especialização) – Universidade de Taubaté, Departamento de Pesquisa e Pós-Graduação, 2024. Orientação: Profa. Dra. Ceneide Maria de Oliveira Cervený, Departamento de Psicologia.</p> <p>1. Intergeracionalidade. 2. Identidade feminina. 3. Feminismo. I. Universidade de Taubaté. Departamento de Pesquisa e Pós-Graduação. Especialização em Intervenção Familiar: Psicoterapia, Orientação e Mediação de Conflitos. II. Título.</p> <p>CDD- 305.4</p>
-------	---

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecário(a) Ana Beatriz Ramos – CRB-8/6318

**MAYSE ITAGIBA ROOKE**  
**INTERGERACIONALIDADE E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA**

DATA: 25/04/2024

Resultado: APROVADA

Profª Dra. Ceneide Maria de Oliveira Cervený - Universidade de Taubaté

Assinatura:



## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as mulheres que lutaram em defesa da nossa existência e resistência. Em especial, minha mãe. Sempre celebrarei sua vida.

Um parágrafo só para ela: minha irmã, Carol. O quanto você é importante para mim não está escrito em nenhum lugar. Agradeço o seu carinho e por você existir. Te amo e não canso de te dizer, você é uma mulher fantástica exatamente do jeito que você é.

Agradeço às mulheres reais de hoje, que assim como eu, seguimos na resistência e defendemos que ser mulher foi, é e sempre será um ato político.

Agradeço às mulheres do futuro e emano coragem para que revolucionem, cada uma com seus recursos e suas limitações.

Agradeço à professora Ceneide pela orientação e à professora Sônia pelas aulas e supervisão de estágio. Sinto-me muito feliz e honrada pelas nossas caminhadas terem se encontrado.

Falando em encontros, São José dos Campos tornou-se meu lar graças às amizades que floresceram. E adivinhem?! Todas são mulheres! Amo vocês!

Sim, são agradecimentos apenas para mulheres. Como dizem por aí: *Vulva la revolución!*

## RESUMO

A identidade feminina é construída com base em componentes individuais e aprendidos por meio da transmissão intergeracional e social. Historicamente, a mulher ocupa um lugar de dependência em relação ao cônjuge e a sua família, sendo impostas características, como afetuosa e dedicada ao lar. Discussões contemporâneas, principalmente relacionadas à ascensão do Feminismo têm provocado mudanças no processo de construção da identidade feminina. Neste sentido, este estudo objetiva analisar a influência da intergeracionalidade entre mães e filhas na construção da identidade feminina. Foi realizado um estudo de caso com 5 díades mãe-filha, selecionadas por conveniência, que responderam a um questionário sociodemográfico e a uma entrevista, separadamente, durante uma visita domiciliar ou videoconferência. Como resultados, o “ser mulher” parece estar mais relacionado às questões sociais do que as biológicas. Entretanto, o exercício da maternidade se destaca enquanto função feminina. É possível perceber que as mulheres convivem, muitas vezes em conflito, com valores e papéis tradicionalmente relacionados ao feminino e valores e papéis pós-modernos.

**Palavras-chave:** Intergeracionalidade. Identidade feminina. Feminismo.

## **ABSTRACT**

Female identity is constructed based on individual components and learned through intergenerational and social transmission. Historically, women occupy a place of dependence in relation to their husband and their family, with imposed characteristics such as affectionate and dedicated to the home. Contemporary discussions, mainly related to the rise of Feminism, have caused changes in the process of constructing female identity. In this sense, this study aims to analyze the influence of intergenerationality between mothers and daughters in the construction of female identity. A case study was carried out with 5 mother-daughter dyads, selected for convenience, who responded to a sociodemographic questionnaire and an interview, separately, during a home visit or video conference. As a result, "being a woman" seems to be more related to social issues than biological ones. However, the exercise of motherhood stands out as a female role. It is possible to see that women live, often in conflict, with values and roles traditionally related to the feminine and post-modern values and roles.

**Keywords:** Intergenerationality. Female identity. Feminism.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Características Demográficas das Díades Mãe-Filha Participantes.....	8
---	---



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O que é ser mulher?.....	12
Figura 2 - Influência intergeracional materna na forma em entender o que é ser mulher.....	13

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	1
1.1. PROBLEMA.....	1
1.2 OBJETIVOS .....	2
1.2.1 Objetivo Geral.....	2
1.2.2 Objetivos Específicos.....	2
1.3 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO.....	2
1.4 RELEVÂNCIA DO ESTUDO.....	3
1.5 ORGANIZAÇÃO DO PROJETO.....	3
2 REVISÃO DA LITERATURA.....	4
2.1 Família como contexto de socialização: o papel da intergeracionalidade.....	4
2.2 Influência do contexto familiar na formação da identidade feminina.....	5
3 MÉTODO.....	7
3.3 Tipo de pesquisa.....	7
3.4 Área de realização.....	7
3.5 População e amostra.....	7
3.6 Instrumentos.....	8
3.7 Coleta de dados.....	8
3.8 Análise de dados.....	9
4 RESULTADOS.....	11
4.1 Breve caracterização das participantes.....	11
4.2 Identidade feminina e intergeracionalidade materna.....	11
5 DISCUSSÃO.....	23
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS.....	28
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	31
APÊNDICE B – Questionário Sociodemográfico.....	33
APÊNDICE C – Roteiro de Entrevista Semiestruturada.....	34
APÊNDICE D – Definições das Categorias para Análise das Entrevistas acerca do Papel da Intergeracionalidade na Construção da Identidade Feminina.....	35

## **1 INTRODUÇÃO**

O ambiente familiar representa um dos primeiros espaços de socialização do indivíduo, atuando como mediador principal dos padrões, modelos e influências culturais. A família, juntamente com outras instituições, é responsável por assegurar a continuidade, o bem-estar dos seus membros, a coletividade e proteção, principalmente das crianças, as quais aprendem neste contexto as diferentes formas de existir, de ver o mundo e construir as suas relações sociais (DESSEN; POLONIA, 2007). Pessoa e Costa (2014) apontam que a família representa uma instituição que influenciará fortemente na construção de significados e sentidos no processo de subjetivação e constituição dos sujeitos que a compõem, portanto, em suas identidades (CAMPOS et al., 2017; MARQUES et al., 2022).

Tradicionalmente, o gênero feminino é relacionado à fragilidade, à docilidade e à obediência, enquanto o masculino à força, à virilidade e ao reconhecimento. Além disso, a feminilidade está entrelaçada à maternidade, que coloca a mulher como principal cuidadora dos filhos. Com o desenvolvimento do feminismo, a mulher é convidada a reconhecer-se como sujeito de direito com autonomia para construir sua trajetória de vida. Contudo, a sociedade e a família enquanto instituição ainda mantêm os estereótipos de gênero, desafiando às escolhas femininas que fogem do tradicional. Nesta perspectiva, como uma mulher irá construir sua identidade? Será possível a mulher se diferenciar enquanto sujeito, ainda que faça parte de uma família, sociedade e cultura machistas e, portanto, limitadoras?

### **1.1 PROBLEMA**

O desenvolvimento do processo identitário integra componentes individuais e outros aprendidos socialmente. A família enquanto contexto de socialização, é responsável pela transmissão de valores, crenças, mitos e tradições. No que se refere às características socialmente impostas às mulheres, estas foram marcadas durante muito tempo por aspectos principais, como esposa prezada e dependente, mãe afetuosa e dedicada (COUTINHO; MENANDRO, 2015), colaborando com a visão de uma identidade feminina submissa e discriminatória. Neste sentido, faz-se importante realizar estudos que investiguem a relação entre a díade mãe-filha no

que tange à construção da identidade feminina, considerando a dinamicidade do construto. Como a identidade feminina é regulada pelas crenças e valores transmitidos na relação maternal? É possível que a filha se diferencie em relação a sua mãe no que se refere à visão do ser mulher? Como se dá esta diferenciação?

## **1.2 OBJETIVOS**

### **1.2.1 Objetivo Geral**

Analisar a influência da intergeracionalidade entre mães e filhas na construção da identidade feminina.

### **1.2.2 Objetivos Específicos**

- Caracterizar a amostra no que se refere à idade, à etnia, à escolaridade, à renda, à conjugalidade, à parentalidade e à religiosidade;
- Descrever o processo de construção da identidade feminina quanto ao autoconceito, ao papel social, à sexualidade, à conjugalidade e à parentalidade no contexto familiar;
- Identificar relações entre identidade feminina e transmissão intergeracional entre mães e filhas.

## **1.3 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO**

A depender de marcadores sociais o processo de construção da identidade feminina ganhará contornos específicos, por exemplo, na transexualidade (NASCIMENTO, 2021) e na raça e renda/classe social (HOOKS, 2020). Por se tratarem de temas complexos e deste trabalho se constituir uma monografia de especialização e, portanto, com tempo limitado para ser desenvolvida, não se pretende estudar as influências destes aspectos na intergeracionalidade feminina.

#### **1.4 RELEVÂNCIA DO ESTUDO**

O desenvolvimento do processo identitário integra componentes individuais e outros aprendidos socialmente. A família enquanto contexto de socialização, é responsável pela transmissão de valores, crenças, mitos e tradições. No que se refere às características socialmente impostas às mulheres, estas foram marcadas durante muito tempo por aspectos principais, como esposa preñada e dependente, mãe afetuosa e dedicada (COUTINHO; MENANDRO, 2015), colaborando com a visão de uma identidade feminina submissa e discriminatória. Neste sentido, faz-se importante realizar estudos que investiguem a relação entre a díade mãe-filha no que tange à construção da identidade feminina, considerando a dinamicidade do construto.

#### **1.5 ORGANIZAÇÃO DO ESTUDO**

Este estudo apresenta a contextualização teórica sobre o tema investigado, isto é, a família como contexto de socialização e, posteriormente, a influência da relação mãe-filha para construção da identidade feminina. Em seguida, é apresentado o método que foi utilizado na investigação, que se compõe da abordagem escolhida, do delineamento selecionado, do local no qual foi realizada a pesquisa, de quem foram as participantes do estudo, dos instrumentos utilizados, de como se deu a coleta e análise dos dados. Os resultados também são descritos, além da discussão e considerações finais.

## **2 REVISÃO DA LITERATURA**

### **2.1 Família como contexto de socialização: o papel da intergeracionalidade**

A família constitui o primeiro ambiente socializador do bebê, tendo a função de transmitir valores, crenças e rituais ao longo de seu desenvolvimento. Pessoa e Costa (2014) apontam que a família representa uma instituição que influenciará fortemente na construção de significados e sentidos no processo de subjetivação e constituição dos sujeitos que a compõem, portanto, em suas identidades (CAMPOS et al., 2017; MARQUES et al., 2022). Dessa forma, considera-se que ainda que as expressões da identidade sejam individuais e singulares, certamente se constituirão de atualizações de experiências observadas e vividas na família de origem e naquelas vividas por outras gerações (PASSOS, 2005).

Como um sistema aberto, a família sofre influência de aspectos políticos, sociais, econômicos, culturais, religiosos e assim, passará por transformações ao longo do tempo. A partir desta perspectiva, a família constituirá um retrato da sociedade de que faz parte e das normas socialmente estabelecidas nela, incluindo as que regem as relações de gênero.

Historicamente, o significado de família modificou-se, bem como sua composição. Fatores como, capitalismo, desenvolvimento da pílula anticoncepcional, divórcio, aumento da longevidade, tratamento preventivo de doenças com vacinas e outras tecnologias para remediar o processo de adoecimento influenciaram diretamente na configuração familiar brasileira, que não mais se restringe ao arranjo nuclear tradicional.

Ainda que a configuração familiar esteja diversa e assim seja mais coerente o termo 'famílias brasileiras' (DINIZ; COELHO, 2005), a função familiar no ideário permanece a mesma desde o século XVIII. Pesquisas recentes retratam que ao grupo familiar são direcionadas funções de informar e transmitir as regras e as normas de convívio coletivo (CAMPOS et al., 2017). Mais especificamente, à figura materna é esperado o acolhimento e à figura paterna, o provimento financeiro. Neste sentido, os genitores se estabelecem como modelos a serem seguidos, naturalizando os papéis de homens e mulheres que serão observados e internalizados pelos filhos.

## **2.2 Influência do contexto familiar na formação da identidade feminina**

Segundo Campos et al. (2017), o processo de tornar-se homem ou mulher é atravessado por um processo de socialização que se inicia no âmago familiar. Tradicionalmente, o gênero feminino é relacionado à fragilidade, à docilidade e à obediência, enquanto o masculino à força, à virilidade e ao reconhecimento. Além disso, a feminilidade está entrelaçada à maternidade, que coloca a mulher como principal cuidadora dos filhos, argumento calcado na ideia antiga de que 'mãe é mãe' (ROCHA-COUTINHO, 2005).

A identidade feminina é então imposta por sua família de origem e pela sociedade e cultura de que faz parte. Para ser reconhecida como mulher deverá ter características como tal, sendo responsável pelos afazeres domésticos e criação das crianças, bem como pelo bem-estar do esposo (ROCHA-COUTINHO, 2005). Como Diniz e Coelho (2005) apontam, esta trajetória esperada propiciou na maioria das mulheres a perda da noção de identidade e de suas necessidades individuais, tendo elas confundido por muito tempo seus projetos de vida com o de seus cônjuges e/ou de sua prole. Assim, por muito tempo, a identidade feminina esteve relacionada à discriminação de mulheres, por não serem consideradas capazes de frequentar espaços públicos e exercer seus direitos.

Todavia, a formação de identidade é dinâmica e variável. O feminismo, movimento social e político que se iniciou no século XX em diversos locais do mundo, favoreceu a reconstrução das identidades femininas, tendo agora as mulheres oportunidades de escolhas diferentes para suas vidas (HOOKS, 2020).

A contemporaneidade é então marcada pela maior participação da mulher no mercado de trabalho – ainda que receba menos ocupando o mesmo cargo de um homem, pelo aumento da escolarização – especialmente em mulheres brancas, pela maternidade suprimida ou adiada e pela liberdade sexual. Como resultado tem-se a necessidade de redistribuição de papéis entre os gêneros de forma a se construir uma sociedade mais igualitária no que tange a este aspecto. Contudo, a literatura acadêmica ressalta que os estereótipos de gênero ainda estão presentes nos núcleos familiares (MARQUES et al., 2022).

Concomitantemente a esta realidade, Pereira e Silva (2013) salientam que, geralmente, a mulher deseja alcançar a independência financeira, como também

espera que o homem a sustente e seja o principal provedor do lar. Além de se dedicar à carreira profissional e continuar a priorizar a maternidade. Este panorama, como as autoras descrevem, podem gerar incoerências e ambiguidades na atualidade, podendo estar relacionado à sobrecarregada feminina com as funções domiciliares, familiares e sociais. Neste sentido, este trabalho busca analisar a influência da intergeracionalidade entre mães e filhas na construção da identidade feminina, partindo de uma visão crítica em relação aos modelos hegemônicos que são impostos a elas. Parte-se do princípio de que a história pessoal, familiar e social destas mulheres deve ser valorizada e respeitada em sua singularidade.



### **3 MÉTODO**

Este tópico descreve os aspectos metodológicos que foram adotados neste trabalho, destacando-se os participantes, os instrumentos que foram utilizados e os procedimentos para coleta e análise de dados.

#### **3.1 Tipo de pesquisa**

Trata-se de uma pesquisa com abordagem quanti e qualitativa, nível descritivo com recorte transversal. O delineamento consiste em um estudo de caso, uma vez que o fenômeno investigado é de natureza multideterminada, sendo o mesmo coerente com a proposta da presente pesquisa em conhecer de forma complexa e singular cada situação (CAPITÃO; VILLEMOR-AMARAL, 2007).

#### **3.2 Área de realização**

O presente estudo foi realizado na região do Vale do Paraíba no estado de São Paulo, Brasil. Para a coleta de dados, as mulheres foram visitadas em suas residências de acordo com suas disponibilidades.

#### **3.3 População e amostra**

De acordo com os critérios de elegibilidade do presente estudo e com a disponibilidade das participantes, obteve-se uma amostra não probabilística por conveniência de cinco díades mãe-filha, isto é, 10 mulheres.

A idade média das mães foi de 58 anos, enquanto das filhas foi de 29,6 anos. Quanto à etnia, oito mulheres se declararam brancas, uma parda e uma indígena. Sete mulheres têm graduação completa, duas têm pós-graduação completa e uma está atualmente cursando o ensino superior.

No que tange à profissão, existe uma variabilidade de atividades de trabalho. São elas: psicóloga (n=3), dona de casa (n=2), estudante (n=1), empresária (n=1), professora (n=1), médica (n=1) e coordenadora de projetos educacionais (n=1). Como a pesquisa foi realizada em cidades do interior paulista, optou-se por não identificar as mulheres quanto à profissão para que o anonimato das participantes possa ser preservado. Dentre as 7 mulheres que realizam trabalho remunerado, três recebem acima de 7 salários-mínimos (s.m.), duas recebem de 4 a 6 s.m., uma

recebe de 2 a 3 s.m. e outra 1 s.m. A Tabela 1 resume as principais características demográficas das díades participantes.

Tabela 1

*Características Demográficas das Díades Mãe-Filha Participantes*

Díades	Idade (anos)		Etnia		Escolaridade		Renda	
	Mãe	Filha	Mãe	Filha	Mãe	Filha	Mãe	Filha
D1	54	25	branca	branca	GC	PGC	0	2 a 3
D2	58	25	indígena	branca	GC	GI	0	0
D3	70	35	branca	branca	GC	GC	≥ 7	≥ 7
D4	48	25	parda	branca	GC	GC	≥ 7	4 a 6
D5	60	38	branca	branca	PGC	GC	4 a 6	1

*Nota.* “GC” refere-se à graduação completa, “PGC” consiste em pós-graduação completa e “GI” representa graduação incompleta. A renda individual foi convertida em salário-mínimo de acordo com o seu valor à época da coleta de dados, isto é, R\$1.412,00.

### 3.4 Instrumentos

Foram utilizados como instrumentos um questionário e um roteiro de entrevista que são apresentados a seguir:

- Questionário sociodemográfico (Apêndice B, p.33): tem como objetivo identificar dados sociodemográficos das participantes, como idade, etnia, escolaridade, renda, conjugalidade, parentalidade e religiosidade. O instrumento é composto por oito questões e foi construído pela autora para a presente pesquisa.
- Roteiro de entrevista semiestruturada (Apêndice C, p.34): objetiva descrever as influências intergeracionais no que tange à construção da identidade feminina quanto ao autoconceito, ao papel social, à sexualidade, à conjugalidade e à parentalidade no contexto familiar. O roteiro é formado por 12 perguntas abertas, tendo sido desenvolvido pela autora para esta pesquisa.

### 3.5 Coleta de dados

Posteriormente à aprovação deste estudo pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UNITAU, sob CAAE nº 72484523.8.0000.5501, deu-se início ao recrutamento das

díades mãe-filhas. Este processo de seleção foi por conveniência e realizado por meio de duas vias: (a) convite em formato de banner postado na rede social da autora; (b) indicação das próprias participantes. Como critérios de inclusão, as díades deveriam ter laços consanguíneos, serem maiores de 18 anos e residirem no Vale do Paraíba no estado de São Paulo, Brasil. Não foram previstos critérios de exclusão. Após serem selecionadas, as participantes foram contatadas por telefone, momento em que a pesquisadora esclareceu os objetivos da pesquisa, solicitou o consentimento de forma oral e marcou uma visita domiciliar em dias e horários disponibilizados pelas mulheres. Na visita domiciliar, informações acerca da pesquisa foram esclarecidas às participantes e os consentimentos livres e esclarecidos foram obtidos (Apêndice A, p.31). Em seguida, o questionário sociodemográfico foi preenchido pela pesquisadora e realizou-se as entrevistas, separadamente, com as mães e as filhas. As entrevistas foram registradas em áudio, transcritas na íntegra e posteriormente, analisadas. A duração da visita domiciliar foi de aproximadamente 80 minutos, quando as mães e as filhas residiam no mesmo local. Quando morando separadas, a visita durou cerca de 40 minutos.

### **3.6 Análise de dados**

A análise dos resultados seguiu as especificidades de cada instrumento utilizado. Assim, os dados do questionário foram tabulados e, posteriormente, por meio do Excel (editor de planilhas produzido pela Microsoft), foram realizados cálculos com base em estatística descritiva, especificamente medidas de dispersão, como média e desvio padrão para caracterizar as mulheres participantes do estudo.

As entrevistas foram transcritas na íntegra, seguindo a sequência do roteiro estabelecido previamente. A análise foi realizada com base na proposta de Dessen e Cerqueira-Silva (2009), que prevê a construção do Sistema Integrado de Categorias complementar à análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). Este modelo pressupõe os passos destacados por Bardin: (a) seleção e exploração do material, denominada pré-análise; (b) codificação; (c) agrupamento dos temas; (d) formação das categorias síntese; (e) classificação dos temas; (f) definição das categorias. Complementarmente, Dessen e Cerqueira-Silva (2009) propõem: (g) revisão do sistema preliminar e elaboração do sistema integrado (definitivo) de categorias e (h) validação do sistema integrado de categorias, a partir da análise de

juízes. O sistema de categorias gerado pela análise das entrevistas encontra-se no Apêndice D (p.35).

## **4 RESULTADOS**

Esta seção, primeiramente, descreve as características das díades no que se refere à orientação sexual, à conjugalidade, à parentalidade e à religiosidade. Em seguida, são relatados os processos de construções das identidades femininas, especialmente as influências da intergeracionalidade materna.

Para identificação das díades mãe-filha foi utilizada a letra D (díade), seguida por um número (1 a 5) e uma letra para identificar se na díade, a mulher corresponde à mãe (M) ou à filha (F). Assim, por exemplo, D1M é a mãe na díade 1, D1F é a filha na díade 1.

### **Breve Caracterização das Participantes**

As mulheres são em sua maioria heterossexuais, seguidas de uma homossexual. Atualmente, cinco estão casadas, quatro estão solteiras e uma está em uma união estável. Dentre as mulheres casadas, o tempo de duração do relacionamento tem em média 31 anos. A mulher em união estável está há 2 anos com o companheiro. No que se refere às mulheres solteiras, duas estão namorando.

Em relação às mães, duas têm apenas uma filha, a qual foi respondente na pesquisa. Uma mãe tem duas filhas, outra tem quatro filhos (três do gênero feminino e um do gênero masculino) e outra tem três filhas. Vale ressaltar que as mães com mais de uma filha foram convidadas a selecionar aleatoriamente qual seria convidada a participar do estudo. Dentre as filhas, quatro não têm filhos e uma tem dois (uma do gênero feminino e outro do gênero masculino).

Quanto à religião, seis mulheres são católicas, duas não têm religião, considerando-se agnósticas, uma é espírita e outra é evangélica. Dentre as mulheres com religião, quatro relatam que praticam semanalmente a religião, duas pelo menos uma vez ao mês, uma pelo menos uma vez ao ano e outra pelo menos cinco vezes ao ano.

### **Identidade Feminina e Intergeracionalidade Materna**

No que tange ao conceito de ser mulher, a maioria das participantes relatou que é algo construído socialmente (n=7), enquanto três acreditam que a identidade feminina está relacionada às questões biológicas do que é ser mulher,

especificamente exercer a maternidade (D2F, D2M e D3M). Em relação à visão social, foi possível perceber que as mulheres atribuem algumas características ao ser mulher, principalmente as tradicionais, como ‘Multitarefa’ (D2F, D2M, D3F, D3M, D4F, D4M e D5F) e ‘Carinhosa’ (D2F, D3F e D3M), mas também ‘Forte’ (D2F, D3F, D3M, D4F, D4M e D5M). Quatro participantes indicaram que a mulher necessita buscar uma identidade, buscar se afirmar, fazer-se existir na sociedade (D1F, D1M, D3F, D4F). A Figura 1 destaca as categorias.

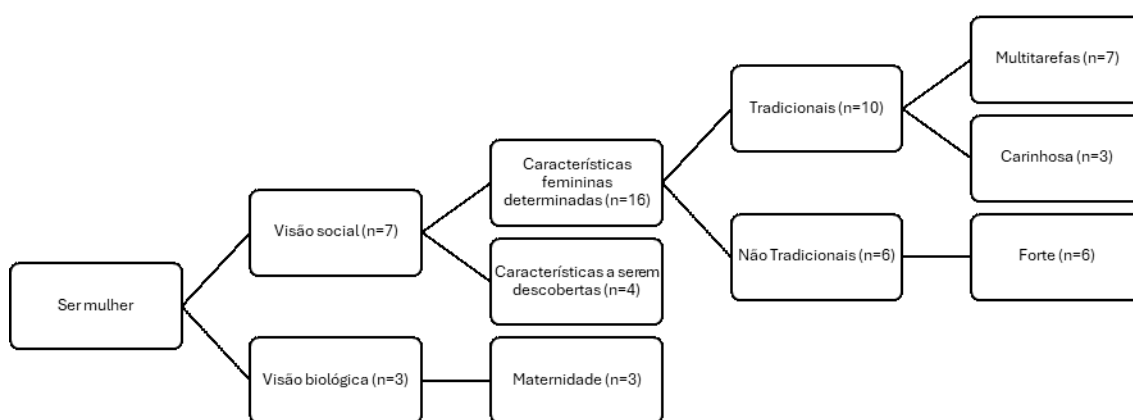


Figura 1. O que é ser mulher?

Seguem-se exemplos dos relatos de acordo com as categorias:

- a) Visão social: “(...) acho que tem a ver com a identificação de um gênero que é socialmente construído (...)” (D1F).
- Características femininas determinadas tradicionais – Multitarefa: “(...) conseguir fazer várias coisas ao mesmo tempo, ter organização (...)” (D2F).
  - Características femininas determinadas tradicionais – Carinhosa: “(...) mais sensível... não no sentido de chorar mais... mais sensível a coisas que a cercam assim... empatia assim... (...)” (D3F).
  - Características não tradicionais – Forte: “(...) de entender que mulher tem que ser forte (...) não tendo que depender, não tendo

que dar satisfação, não ter que se curvar pra homem... então pra mim ser mulher não é fácil.” (D4M).

- Características a serem descobertas: “(...) Toda mulher tem que correr atrás e eu vejo as mulheres fazendo várias tarefas ao mesmo tempo para se afirmarem... e os homens fazendo bem menos, porque já têm espaço na sociedade. Já tiveram tudo conquistado. E as mulheres correndo atrás para conquistar.” (D1M).

b) Visão biológica: “(...) ... ser mulher... O que eu gosto de ser mulher é poder ser mãe, que eu adorei ser mãe, eu sempre quis ser mãe...” (D2M).

Todas as participantes indicam a presença de influência materna no que se refere à construção da identidade feminina, seja por apenas ‘Semelhanças’ (n=5; D2F, D2M, D3F, D4F e D5F) ou ‘Diferenças’ (n=1; D1M), bem como ‘Semelhanças e Diferenças’ (n=4; D1F, D3M, D4M, D5M). Dentre as semelhanças, algumas mulheres reconhecem mais de uma característica feminina sob influência da relação maternal. A Figura 2 destaca as categorias.

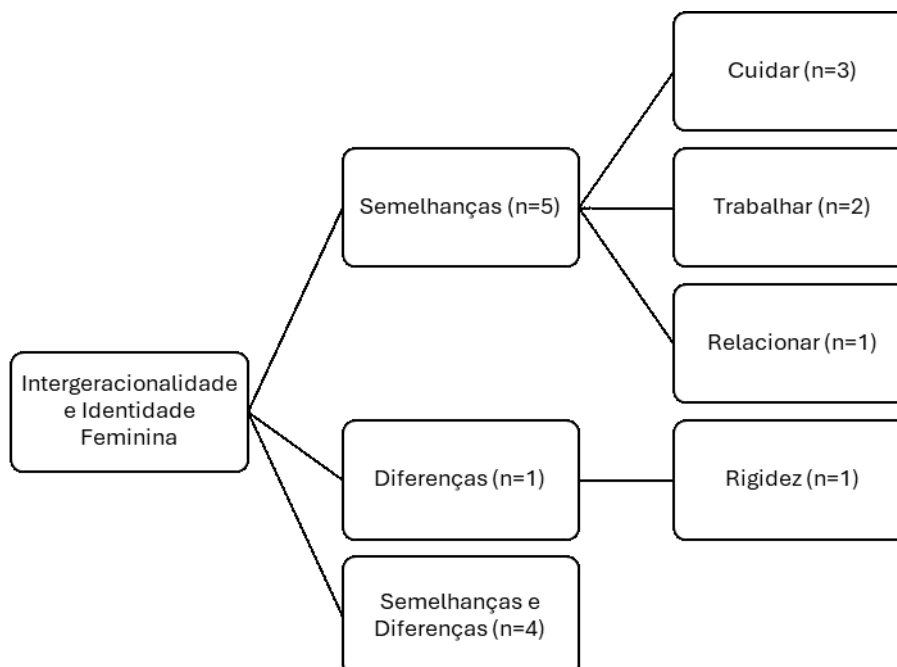


Figura 2. Influência intergeracional materna na forma em entender o que é ser mulher.

Seguem-se exemplos dos relatos de acordo com as categorias:

a) Semelhanças:

- Cuidar: “(...) *cuidar da gente (...)*” (D5F).
- Trabalhar: “*Eu vejo que na minha família as mulheres... eu admiro mais... os homens assim, não generalizando, os homens da minha família bebem mais, não trabalham e as mulheres, eu tenho mais admiração (...)*” (D3F).
- Relacionar: “(...) *minha mãe sempre fala pra gente ter cuidado em se envolver com pessoas que gostam muito mais da gente do que você gosta dela. E acho que isso vem da ideia de que a gente precisa confiar desconfiando. Não precisar do outro, o outro ser complemento. A gente precisa se garantir sozinha, porque o outro não é uma certeza, nunca será uma coisa confiável. Então eu acho que minha mãe passa muito essa ideia assim, de precisar ser autossuficiente.*” (D4F).

b) Diferenças: “(...) *Minha mãe foi muito rígida, até hoje é. Ela não foi participativa, é distante psicologicamente de mim. É muito materialista. Isso me deixou muito frustrada. Não queria repetir com minha filha (...)*” (D1M).

c) Semelhanças e Diferenças: “*Olha, a minha mãe é uma mulher forte, mulher destemida. E eu às vezes tenho vontade de ser como ela (risos). Eu acho assim, tem muita coisa nela que eu tenho vontade de ser. Tem muita coisa que eu não quero ser. Então assim eu apanhei muito da minha mãe quando criança(...)*” (D5M).

No que se refere ao papel social da mulher, seis participantes (D2F, D2M, D3F, D3M, D5F e D5M) destacaram que a mulher é a ‘Força Vital’ da sociedade com capacidade de exercer responsabilidades, de cuidar do outro, de trabalhar, dentre outros. D1M e D4M indicaram que a mulher deve encorajar outras mulheres e reivindicar seus direitos. Ainda que não concordem com essa premissa social, D1F relata que a mulher é qualificada a partir do seu corpo e D4F, a partir de seu relacionamento amoroso. Seguem-se exemplos dos relatos de acordo com as categorias:



- a) Força Vital: *“Eu acho que a mulher é a base de tudo. Onde tem uma mulher, acho que as coisas dão mais certo. De repente até esse negócio de organização, justamente por entender mais o outro, essa coisa intrínseca que a gente tem... não sei, a questão da maternidade... aquela coisa que a gente tem de cuidar, de pensar em cada detalhe, de fazer as coisas funcionarem. Então eu realmente acho que a gente é um pilar. Não tem como as coisas darem certo sem a gente.”* (D2F).
- b) Encorajamento de outras mulheres: *“Ter voz ativa nas decisões, na política, no trabalho, em qualquer lugar que ela esteja.”* (D1M).
- c) Relacionamento amoroso: *“Eu acho que hoje em dia está muito relacionado à questão do casamento. Acho que já foi muito forte isso, mas eu ainda escuto muito isso, que o valor da mulher, a personalidade da mulher, dela ser boa ou ruim tá associado ao sucesso do relacionamento dela (...)”* (D4F).
- d) Vaidade: *“(...) Eu acho que há um padrão muito ainda hoje vinculado à aparência física. Porque você pode não emitir nenhum tipo de comportamento, nenhum tipo de opinião, tom de voz, mas a sua posição física, sua aparência física é o primeiro olhar social (...)”* (D1F).

Todas as participantes reconhecem influência intergeracional materna na forma em entender o papel social da mulher, seja por ‘Semelhanças’ (n=5; D3F, D3M, D4F, D4M e D5F) ou ‘Diferenças’ (n=2; D1F e D1M), bem como ‘Semelhanças e Diferenças’ (n=3; D2F, D2M e D5M). Seguem-se exemplos dos relatos de acordo com as categorias:

- a) Semelhanças: *“(...) mas a minha mãe tinha esse papel de ser à frente do tempo dela. Quando ela se redescobriu na necessidade, se percebeu na necessidade de se redescobrir, ela teve que ser o que eu acho que sou, ou o que tento ser.”* (D4M).
- b) Diferenças: *“Não influenciou... (risos)... não é culpa dela, é a criação, a época. Fui construindo esse pensamento no transcorrer da vida, à medida que fui conhecendo os lugares.”* (D1M).
- c) Semelhanças e Diferenças: *“(...) Então eu acho que me influencia sim de certa forma, porque eu fico entre uma ideia de pra ser independente, pra*

*ser autossuficiente eu não preciso de ninguém, não querer ninguém e ao mesmo tempo querer e se eu quiser, tô cedendo uma pressão social, sabe?” (D4F).*

Em relação a como a sexualidade feminina deve ser expressa, nove mulheres (D1F, D1M, D2M, D3F, D3M, D4F, D4M, D5F e D5M) atribuem de forma ‘Natural’, isto é, livremente, sem padrões ou julgamentos. D2F verbaliza que a sexualidade feminina deve ser expressa a partir de um padrão tradicional, ou seja, a mulher deve ser recatada e ter relacionamentos sexuais apenas com quem ama. Seguem-se exemplos dos relatos de acordo com as categorias:

- a) Natural: *“De forma natural, cada um tem sua sexualidade, é individual. Cada um deve viver do jeito que é (...) não me importa que tipo de relação que ela tem, podemos amar qualquer pessoa. Agora... essas coisas foram construídas ao longo do tempo. Nos anos 2000 eu não pensava assim, a gente vai mudando, graças a Deus.” (D1M).*  
*“Como ela quiser. Tem várias formas e tem mulher que gosta mais de mostrar o que ela acha bonito nela e é o jeito dela. E o contrário também. Do jeito que ela se sentir confortável.” (D3F).*
- b) Padronizada: *“Eu acho que a gente tem que ser misteriosa, não tem que ser tão esparramada. Não precisa ficar tanto se mostrando, sabe? Eu acho que quanto mais acanhada e misteriosa a gente fica, a gente acaba sendo mais sexy por um lado, gera aquela coisa: nossa, mas o que será que aquela menina esconde? Acho mais bonito isso. A parte mais romântica disso, porque eu sou mais romântica. A prática sexual pra mim é sagrado. Acho que a gente entra num envolvimento muito grande com uma pessoa quando a gente tá numa cama, fazendo ali, transando. Então eu acho sim que você tem que ter algum sentimento por aquela pessoa, porque é uma troca ali muito grande de energia, de tudo. Eu não acho que seja uma coisa, sei lá, animal, sabe? Eu acho que tem que ter uma coisa ali no meio, uma admiração que seja, algo assim.” (D2F).*

Todas as participantes identificam influência intergeracional de sua mãe na forma como entendem a sexualidade feminina, seja com ‘Semelhanças’ (n=1; D4F)

ou 'Diferenças' (n=7; D1M, D2M, D3F, D3M, D4M, D5F e D5M), bem como 'Semelhanças e Diferenças' (n=2; D1F e D2F). Abaixo encontram-se exemplos dos relatos de acordo com as categorias:

- a) Semelhanças: *"(...) em casa isso nunca foi tabu, de me levar no ginecologista quando menstruei pela primeira vez, de conversar quando tive a primeira vez, de cuidado, de preservativo."* (D4F).
- b) Diferenças: *"Não recebi nenhuma educação sexual da minha mãe, tanto que o assunto da gravidez nunca foi falado. Mas isso é uma questão que eu trouxe pra minha vida que isso jamais se repetiria com minha relação com filha, filho, com quem que fosse (...)"* (D4M).
- c) Semelhanças e Diferenças: *"(...) A gente costuma acolher, isso é uma perspectiva que vem da minha mãe. Agora com meu posicionamento político, meu autoconhecimento, meu aprofundamento nessas questões, eu desenvolvi um olhar mais crítico assim dessas cobranças sociais."* (D1F).

No que tange a como são os relacionamentos amorosos femininos, sete participantes (D1M, D2F, D2M, D3F, D4F, D5F e D5M) indicaram que são 'Padronizados', ou seja, existem determinadas características universais nos relacionamentos amorosos de uma mulher. São elas: Romance (n=2; D1M e D3F), Renúncia (n=2; D4F e D5F), Comodismo (n=2; D2M e D5M) e Função Materna (n=1; D2F). Três mulheres (D1F, D3M e D4M) relataram que o relacionamento amoroso feminino é 'Variável'. Seguem-se exemplos dos relatos de acordo com as categorias:

- a) Padronizados:
  - Romance: *"Acho que os relacionamentos de uma mulher sempre foram inconscientemente baseados em amor, em gostar, não só por exemplo, por sexo (...)"* (D3F).
  - Renúncia: *"Eu enxergo os relacionamentos pras mulheres não como uma via de mão dupla... eu acho que ela sempre entende que precisa de uma necessidade de adequação mais do que o homem, talvez. O homem talvez seja mais livre nas relações. A mulher entende, pelo menos a meu ver, que se ela quer estar numa*

*relação, ela precisa se adequar a algumas questões, ela precisa ceder em alguns pontos que ela não concorda. Ela precisa se acostumar com algumas coisas que ela não necessariamente concorda (...)*” (D4F).

- *Comodismo: “Eu que já tô com 26, não... 27 anos... é complicado, a gente vai acostumando com a pessoa. Não é que o amor esfria, é que você acaba acostumando (...)*” (D2M).
- *Função Materna: “Eu acho que na maioria das vezes nós mulheres somos aquela parte do carinho, do cuidado, do zelo de sempre. Mas às vezes, até do relacionamento que eu tive, a gente acaba sendo uma mãe né (...)*” (D2F).

b) *Variável: “Acho que depende de muitas coisas. Como se identifica, por quem sente atração, a idade, o local onde vive, a religião.”* (D1F).

*“Então, depende da mulher né (...)*” (D4M).

Todas as participantes relataram que ser mulher independe dela estar em um relacionamento amoroso. Segue abaixo exemplo dos relatos de acordo com a categoria:

a) *Não: “Não. A gente só é, os seres são. Eu não preciso me relacionar com alguém para saber quem eu sou. Talvez relacionar com outros seres me mostre o que meu corpo deseja, mas não quem sou eu.”* (D1F).

A maioria das participantes (n=9) indicou presença da influência intergeracional da mãe na forma em como entendem um relacionamento amoroso, seja por apenas ‘Diferenças’ (n=4; D1M, D3F, D4M e D5F) ou ‘Semelhanças e Diferenças’ (n=5; D2F, D2M, D3M, D4F e D5M). D1F foi a única participante a não reconhecer influência materna no que se refere à compreensão de um relacionamento amoroso. Seguem-se exemplos dos relatos de acordo com as categorias:

a) *Sim:*

- *Diferenças: “Minha mãe sempre foi independente e forte, mas nunca conseguiu se ver assim. Cedeu para meu pai, pra tomar*

*conta da casa, pra cuidar da gente. Eu queria ser independente, sair de casa (...)*” (D5F).

- *Semelhanças e Diferenças: “Sim, a minha mãe influenciou. Ela não falava com a gente sobre essas coisas, ela não gostava de sexo, então isso passou pra mim (...) Hoje, eu acho assim... eu mantenho relação com meu marido, não é sempre né... porque a idade já vai mudando. Mas quando eu era jovem, minha mãe pôs muito tabu na minha cabeça: Ah, porque vai ficar falada, ah, porque não pode, ah, porque é pecado. Eu casei virgem e aí eu não gostava. Tinha horário, meu marido sofreu muito na lua de mel. E quando isso acabou? Por isso que eu gosto muito da terapia, foi com terapia que eu melhor isso aí (...)*” (D5M).

b) Não: *“Eu acho que nesse aspecto eu não relacionaria em nada com minha mãe.”* (D1F).

Em relação ao papel do(a) filho(a) na vida de uma mulher, as participantes relataram diversas funções, como ‘Fundamental’ (n=4; D1M, D2F, D2M e D5M), indicando que a maternidade é a realização de um sonho; ‘Companhia’ (n=3; D1F, D3M e D4M), apontando que o(a) filho(a) deve compartilhar momentos com suas mães; ‘Ensino’ (n=2; D3F e D5F), que considera o(a) filho(a) um(a) agente(a) de transformação e (re)descobertas à mãe e ‘Variável’ (n=2; D1F e D3M), reconhecendo um papel distinto a cada filho(a), a depender de sua história de vida. D3M ainda relatou que o papel do(a) filho(a) é se diferenciar de sua família, inclusive de sua mãe, enquanto D4F indicou que o(a) filho(a) representa a confirmação da feminilidade da mulher, enquanto fértil e adulta.

Seguem-se exemplos dos relatos de acordo com as categorias:

- a) Fundamental: *“Nossa senhora... fora a felicidade que os filhos trazem pra gente... o papel do filho... não esquecer a mãe jamais, não desgrudar. Eu me realizei depois de ser mãe. Eu tinha medo de não realizar meu desejo de ser mãe. Só não tive mais por questão financeira, porque igual eu te falei, é complicado. Mas eu me realizei com minhas filhas.”* (D2M).
- b) Companhia: *“(...) eu sempre penso em companhias bem-queridas (...)*” (D1F).

- c) Ensino: “(...) eu acho que é nesse sentido de trazer o novo né. Então até esse negócio da heteronormatividade, que eu ter um relacionamento homossexual abriu muito a cabeça da minha mãe. Que não foi fácil, mas dela abrir mais a cabeça mesmo, de que não precisava ser de determinado jeito, sabe? Quebrar esses paradigmas.” (D3F).
- d) Variável: “Acho que depende dessa mulher, do que ela quer que ele seja. Ser mãe não significa não ser feminista ou ser conservadora. Eu, por exemplo, quero ter filhos, vários se puder. Mas eu entendo que cada pessoa vê a maternidade de uma maneira.” (D1F).
- e) Individualização: “(...) acho que o papel dos filhos é se diferenciar, viver, mas saber que a mãe tá lá, tá junto independente da distância física.” (D3M).
- f) Certificação de Feminilidade: “Eu acho que tem um quase um significado de feminilidade. Já que falam tanto que a mulher gosta de cuidar, serve pra cuidar, esse dom de cuidar, de maternar (...) a ser vista como adulta na família... como adulta e mais como mulher, não mais como menina. Eu acho que não deveria ser um marcador isso, pra mostrar que a pessoa amadureceu, não deveria ser o principal marcador.” (D4F).

No que se refere às funções maternas, todas as mulheres (n=10) relataram que o papel da mãe deve ser de ‘Formar um(a) cidadã(o)’, isto é, responsabilizar-se fisicamente e afetivamente pelo(a) filho(a) com o intuito de promover o desenvolvimento de um indivíduo que desempenhe seus direitos e deveres na sociedade. Além desse papel, quatro mulheres indicaram que a mãe também deve ‘Estimular a autonomia’ (D1F, D1M, D5F e D5M). Seguem-se exemplos dos relatos de acordo com as categorias:

- a) Formar um(a) cidadã(o): “(...) Aquela história que a gente cria o filho pro mundo (...) é criar menino bom. Então tem que ser pessoa que reflete mais do que julga, de abrir mais o horizonte de não julgar e levar as coisas mais na leveza (...)” (D3F).
- “(...) Se você acompanha em tempo real o que está rolando, você consegue dar um suporte, uma boa instrução, acho que seria isso. Acho que pra minha vida, esse seria o maior foco, o principal objetivo.” (D4F).

b) Estimular autonomia: “(...) *Sempre fazer o filho ser independente (...)*” (D1M).

Todas as participantes (n=10) indicaram presença da influência intergeracional da mãe na forma em como entendem a maternidade, seja por apenas ‘Semelhanças’ (n=4; D1F, D2F, D3M e D5F) ou ‘Diferenças’ (n=1; D1M) ou ‘Semelhanças e Diferenças’ (n=5; D2M, D3F, D4F, D4M e D5M). Mais especificamente, D1M relatou que sua mãe não apresentava uma responsabilidade afetiva por ela, o que, em alguns momentos, gerou sofrimentos e, portanto, a motivou a realizar o contrário com sua filha. D2M relatou que a semelhança com a mãe é o carinho que tem pela filha, enquanto a diferença é na comunicação aberta que mantém na maternidade. D3F indicou que, assim como sua mãe, gostaria de oferecer segurança a um(a) possível filho(a) e não repetir a dificuldade que sua mãe teve em lidar com questões que transgridam à heteronormatividade. D4F e D4M se assemelham quanto à função de promover responsabilidade afetiva na maternidade e se diferenciam em relação à gravidez não planejada. D5M, assim como sua mãe, nutre uma responsabilidade afetiva na maternidade, porém relatou não castigar os filhos com violência física, como sua mãe fazia com ela. Seguem-se exemplos dos relatos de acordo com as categorias:

a) Sim:

- Semelhanças: “*Eu acho que a minha mãe trás muito essa ideia do filho como companhia prazerosa. Acho que também essa visão de que como coloquei essa pessoa no mundo, tenho responsabilidade por ela, mas devo estimular a ela ser independente. Acho que minha mãe teve muito isso comigo.*” (D1F).  
“*Muito, porque foi muito positivo da parte dela, então com certeza.*” (D2F).
- Diferenças: “*Não. Para ela a maternidade era dar boa roupa, levar e buscar na escola. Uma mãe tem que brincar, conversar, perguntar se está bem, perguntar se precisa de alguma ajuda (...) Não foi culpa da minha mãe, ela não é culpada... é da época. Hoje em dia têm muitas mães que já fazem como eu (referindo-se à responsabilidade afetiva que tem pela filha).*” (D1M).

- *Semelhanças e Diferenças: “Ah, sim. Porque minha mãe era muito carinhosa, muito amorosa, muito presente. Sempre participava, fazia o que dava pra fazer. É o carinho, a atenção. Eu não tive muita instrução de muita coisa, porque era muito tabu naquela época. O pessoal tinha vergonha de falar tudo né, de perguntar. Mas fora isso, teve muita influência sim.” (D2M).*  
*“Acho que sim. A mamãe é sempre um porto seguro que eu sei que eu posso contar (...) que quando eu contei que sou gay, ela se afastou, não queria conhecer, não achava certo, tudo... e depois ela foi se reaproximando, teve um evento na família que a gente acabou se unindo mais e daí que eu percebi que a gente tem que dar um tempo pra nossa família (...)” (D3F).*  
*“Eu acredito que não, porque não foi uma coisa... mas também acredito que sim. Porque eu sei que não foi uma gravidez super planejada, então não era ideia da mãe cuidadora, da que sonha em ter uma criança (...)” (D4F).*  
*“Sim e não. Minha mãe descobriu que eu tava grávida com 5 meses, eu repeti um pouco isso... ela ficou sem conversar comigo umas duas semanas (...)” (D4M).*  
*“Ah, sim. Minha mãe sempre foi muito cuidadosa com a gente. É até hoje. A minha mãe é muito presença. Embora eu e meu irmão, a gente tenha apanhado muito (...)” (D5M).*



## 5 DISCUSSÃO

O autoconceito do feminino já aparece, para mulheres, fortemente influenciado pelo campo social. Considera-se esse resultado como um avanço, uma vez que o ser mulher esteve durante muito tempo apenas ligado às questões biológicas e, portanto, apenas as pessoas com aparelhos reprodutores femininos eram consideradas como mulheres (NASCIMENTO, 2021). Entretanto, mulheres ainda se descrevem a partir de uma identidade tradicionalmente conhecida, como aquela que é carinhosa e amorosa (COUTINHO; MENANDRO, 2015).

Outra característica reconhecida é da mulher como uma pessoa capaz de realizar com maestria várias tarefas ao mesmo tempo. Não se investigou, nessa pesquisa, a diferença percebida pelas mulheres participantes entre os gêneros masculino e feminino quanto à gerência das tarefas e qualidade na realização das mesmas. Todavia, Dessen e Braz (2000) apontam que mulheres tendem a supervalorizar seu papel na família, o que eventualmente pode favorecer o acúmulo de tarefas e gerar sobrecarga feminina.

Destaca-se que a literatura feminista (HOOKS, 2020; SCAVONE, 2004; TELES, 2022) aponta que os homens não foram estimulados a compartilhar as tarefas domésticas e de cuidado com os filhos na mesma medida em que as mulheres foram incentivadas a trabalhar fora de casa e administrar os cuidados domésticos e maternos simultaneamente. Nesse sentido, no decorrer do século XX, as mulheres passaram a ter oportunidade de escolarização e de dedicar-se à carreira profissional, como formas de conquistar espaços públicos (SCAVONE, 2004). Entretanto, os espaços particulares, isto é, domésticos ainda são, em sua maioria, ocupados e regidos por mulheres. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua, realizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) no 3º trimestre de 2022, a maioria dos domicílios no Brasil é chefiada por mulheres. Dos 75 milhões de lares, 50,8% tinham liderança feminina, o correspondente a 38,1 milhões de famílias. Já as famílias com chefia masculina somaram 36,9 milhões. As mulheres negras lideravam 21,5 milhões de lares (56,5%) e as não negras, 16,6 milhões (43,5%), no 3º trimestre de 2022.

Não se pode negar que marcadores sociais devem ser analisados criticamente ao se identificar as conquistas (ou não) de mulheres, assim, um olhar

interseccional é fundamental para compreensão das realidades femininas em toda sua diversidade. Resumidamente, a exploração da mulher negra brasileira no campo do trabalho se iniciou no período de escravização, passando por diversas opressões e violências, que culminaram atualmente na falta de oportunidades em relação às mulheres brancas, detentoras de privilégios gerais em nossa sociedade (BENTO, 2022; CARNEIRO, 2011; GONZALEZ, 2020).

Na contramão das características tradicionalmente femininas, mulheres também se veem como, fortes. Determinada força interior, que facilmente é desconhecida ou despercebida por mulheres, conforme os resultados dessa pesquisa. Além de ser fortaleza para si, a mulher deve encorajar outras mulheres na busca por uma identidade singular enquanto cidadã. Dentre os feminismos, Teles (2022) reconhece que em um período as mulheres foram estimuladas a se conscientizarem de que ainda que fossem diferentes, a opressão ao gênero era semelhante. Assim, a sororidade foi defendida, de forma a favorecer o empoderamento das mulheres enquanto coletividade.

Mães e filhas reconhecem influências intergeracionais quanto à construção da identidade feminina (COUTINHO; MENANDRO, 2015). Destaca-se que as filhas tendem a almejar relacionamentos conjugais heterossexuais com papéis igualitários, tanto em relação à dinâmica das tarefas domiciliares quanto ao provimento financeiro da família. Faz-se relevante ressaltar que não necessariamente as mulheres exercerão ações relativas às atividades rotineiras de forma coerente com suas crenças e seus desejos. Por exemplo, se as atividades domiciliares fossem compartilhadas, provavelmente elas não se descreveriam como nem haveria necessidade de serem multitarefas. Parece que ao mesmo tempo em que há vontade de explorar novos caminhos, conquistar novos lugares, existe um apego feminino na mulher do passado com muitas de suas características conservadoras (COUTINHO; MENANDRO, 2015; LEAL; ZANELLO, 2022; PEREIRA; SILVA, 2013; RUSCHEL; CASTRO, 1998).

A liberdade sexual feminina foi conquistada pelas reivindicações dos movimentos feministas e o uso das pílulas anticoncepcionais a partir da década de 1960 (DONATI, 2015). A partir de então, a escolha de parceiros sexuais e o ato sexual em si passaram a ser desvinculados à condição de procriação. Destaca-se que tal liberdade é defendida por mulheres de diferentes faixas etárias, sendo muitas

vezes apontada como um aspecto diferencial em comparação às gerações anteriores (DONATI, 2015; PEREIRA; SILVA, 2013).

Estar em um relacionamento conjugal não mais é considerado como um pré-requisito para se identificar com o gênero feminino. Porém, quando existente, o amor romântico com renúncia feminina a favor dos interesses masculinos é presente (COUTINHO; MENANDRO, 2015). Mais uma vez, percebe-se a sobreposição de crenças tradicionais e pós-modernas. As mulheres não precisam estar com alguém para se verem como mulher, relatam que se diferenciaram dos relacionamentos conjugais das gerações anteriores, mas seguem em relacionamentos disfuncionais com homens (COUTINHO; MENANDRO, 2015; LEAL; ZANELLO, 2022; PEREIRA; SILVA, 2013).

O exercício da maternidade parece ainda validar socialmente o ser mulher. Nessa perspectiva, mulheres quando relatam não quererem ter filhos, são vistas de forma negativa pela sociedade em geral (Barbosa; ROCHA-COUTINHO, 2012; LEAL; ZANELLO, 2022). Biologicamente, o instinto materno parece estar relacionado à naturalização do cuidado eterno com o filho por parte da mulher (LEAL; ZANELLO, 2022; ROCHA-COUTINHO, 2013).

Barbosa e Rocha-Coutinho (2012) analisaram os relatos de oito mulheres brasileiras, com faixa etária entre os 20 e 60 anos, sem filhos e sem desejo de tê-los. Como resultados, as participantes identificaram como pontos importantes em suas vidas a realização profissional, a vida afetiva, as relações familiares e de amizade, a saúde e os momentos de lazer e, de modo geral, não mostraram arrependimento em relação às suas opções de vida, reiterando que ainda têm muitos objetivos para conquistar. Contudo, as participantes reconheceram que ainda há um ideal no qual a mulher é convocada a cumprir a função social da maternidade, tentando equilibrar a mesma com a realização profissional. Felizmente, as autoras ressaltam que a necessidade da maternidade começou a ser relativizada e, dessa forma, a pressão social para que as mulheres se tornem mães vêm diminuindo. Segundo elas, a partir das entrevistas pode-se afirmar que a maternidade hoje já começa a ser vista como um projeto pessoal para muitas mulheres e não mais como um destino obrigatório do “ser mulher”.

É interessante notar que muitas mulheres se responsabilizam não somente por gerar uma vida, como também por criá-la e educá-la. Zanello (2018) afirma que

este processo afetivo é caracterizado pelo “heterocentrismo”, no qual as mulheres aprendem a reproduzir que as demandas dos outros devem ser priorizadas, em detrimento das próprias. A maternidade biológica, para a autora, representa o ápice da exigência do funcionamento desse dispositivo (heterocentrismo), uma vez que é esperado que essa mulher tenha o filho ocupando lugar central e único em sua vida.

A qualidade do relacionamento com os filhos parece ter mudado em comparação às gerações anteriores, especificamente no que se refere a uma comunicação mais aberta e fluida dentro do ambiente familiar. Corroborando esses achados, Coutinho e Menandro (2015) realizaram uma pesquisa com 20 mulheres de estrato econômico de média para baixa renda: 10 com filhos nascidos na década de 1960 (1ª geração), e 10 com filhos nascidos nos anos 1990 (2ª geração). Como resultados, a primeira geração de mulheres destacou controle e autoridade sobre os filhos com utilização de punições físicas, rigor com regras e exigência de respeito e obediência na relação pais-filhos. Já a segunda geração de mulheres se reconhece como mais tolerante, buscam se relacionar com mais cumplicidade e afeto com os filhos, protegendo-os, mas ao mesmo tempo promovendo a autonomia.

Destaca-se que para as mulheres dessa pesquisa, o maternar em toda sua complexidade e responsabilidade, culminará na formação de uma pessoa, que então terá seu papel enquanto cidadão em uma sociedade. A partir dessa visão, essas mulheres se sentem responsáveis, de alguma forma, pela “salvação da humanidade”. Algumas indagações finais se fazem aqui necessárias: Como as mulheres podem não se caracterizar como multitarefas? Como não se sobrecarregar com tantas responsabilidades?

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Influências sociais mais do que as biológicas parecem estar sendo percebidas pelas mulheres para compreensão do que é feminino. Durante muito tempo, apenas pessoas com aparelhos reprodutores femininos foram consideradas mulheres, favorecendo a transfobia. Não foi objetivo desse trabalho investigar as identidades de gênero trans, porém se reconhece que são necessários esforços de futuros pesquisadores com intuito de ampliar as análises além da cisheteronormatividade. Entende-se que esse pode ser um dos caminhos na luta pela legitimidade de existência, enquanto sujeitos de direitos.

Ainda que mulheres, cada vez mais, têm transgredido a barreira de obrigações vinculadas à conjugalidade e à maternidade, é notório o quanto os relacionamentos afetivos dessas mulheres são disfuncionais, bem como a função de maternar predomina em relação a outros papéis sociais. Não se trata de defender a não maternidade. E sim, de promover reflexões acerca da diferença entre a mulher ter opção de escolha ou reproduzir um padrão social opressor e compulsório.

Quanto à qualidade dos relacionamentos, não se almejou aprofundar nesse tema de pesquisa. Porém, faz-se necessário não só investigar relacionamentos heterossexuais, como também homoafetivos. Em qualquer tipo de relacionamento há a distribuição e ocupação de papéis e a partir disso, dinâmicas relacionais são construídas. Será que em um relacionamento heterossexual há uma tendência ao desenvolvimento de papéis de submissão feminina em relação aos homens? Ou a submissão é um traço de personalidade, independentemente da orientação sexual?

Por fim, são necessários novos estudos a fim de refletir acerca do desafio de as mulheres atuais em conviver com tradições familiares e influências da pós-modernidade, bem como sua possível relação com a sobrecarga e adoecimento psicológico feminino.

A grande motivação para a realização dessa monografia foi explorar a pluralidade das identidades femininas. Nesse sentido, os resultados encontrados são apenas um recorte de algumas mulheres que gentilmente aceitaram colaborar com o estudo. Em nenhum momento, houve intenção da pesquisadora em rotular mulheres e suas formas de existir. Que todas possamos ser livres em nossas escolhas de ser!

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Patrícia Zulato; ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Ser mulher hoje: a visão de mulheres que não desejam ter filhos. **Psicologia & Sociedade**, 24(3), 577-587, 2012.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CAMPOS, Maria Tereza de Assis, et al. Socialização, gênero e família: uma revisão integrativa da literatura científica. **Pensando Famílias**, 21(1), jul. 2017, (145-161).

CAPITÃO, Cláudio Garcia, VILLEMOR-AMARAL, Anna Elisa de. A pesquisa com estudo de caso. *In*: BAPTISTA, Makilim Nunes; CAMPOS, Dinael Corrêa (Org.). **Metodologias de pesquisa em ciências: análises quantitativa e qualitativa**. Rio de Janeiro: LTC, 2007, p. 238-253.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

COUTINHO, S. M. S. e MENANDRO, P. R. M. Representações sociais do ser mulher no contexto familiar: Um estudo intergeracional. **Psicologia e Saber Social**, 4(1), 52-71, 2015.

DESSEN, Maria Auxiliadora, BRAZ, Marcela Pereira. Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 16(3), 221-231, 2000.

DESSEN, Maria Auxiliadora, CERQUEIRA-SILVA, Simone. Desenvolvendo sistemas de categorias com dados de entrevistas. *In*: WEBER, Lídia; DESSEN, Maria Auxiliadora (Eds.). **Pesquisando a Família: instrumentos para coleta e análise de dados**. Curitiba: Juruá, 2009, p. 43-56.

DESSEN, Maria Auxiliadora, POLONIA, Ana da Costa. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, 2007, v. 17, n. 36, pp. 21-32.

DINIZ, Gláucia e COELHO, Vera. A História e as histórias de mulheres sobre o casamento e a família. *In*: FERES-CARNEIRO, Terezinha (Org.). **Família e casal: efeitos da contemporaneidade**. Rio de Janeiro: PUC RIO, 2005, p. 138-157.

DONATI, Fabiana Augusta. **Um estudo intergeracional sobre autonomia e iniciação sexual de universitárias e suas mães**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista. Marília, p. 150. 2015.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**, 12ª edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua**. Rio de Janeiro: Coordenação de Trabalho e Rendimento, 2022.

LEAL, Daniele Fontoura da Silva; ZANELLO, Valeska. “Não Tenho Filhos e Não Quero”: questões subjetivas implicadas na opção pela não maternidade. **Revista Psicologia e Saúde**, 14(3), 77-92, 2022.

MARQUES, Gabriela Cardoso Moreira, et a. Transmissão intergeracional entre mães e filhas quilombolas: autonomia reprodutiva e fatores intervenientes. **Texto Contexto Enfermagem**, 31, 2022, e20200684.

NASCIMENTO, Leticia Carolina Pereira do. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

PASSOS, Maria Consuêlo. Nem tudo que muda, muda tudo: um estudo sobre as funções da família. *In*: FERES-CARNEIRO, Terezinha (Org.). **Família e casal: efeitos da contemporaneidade**. Rio de Janeiro: PUC RIO, 2005, p. 11-23.

PEREIRA, Isabella da Silva Arantes e SILVA, Janaina Cassiano. Escolha conjugal feminina: Uma análise intergeracional segundo uma perspectiva crítica em Psicologia. **Psicologia em Estudo**, 18(3), 2013, 407-417.

PESSOA, Camila Turati e COSTA, Lúcia Helena Ferreira Mendonça. Constituição da identidade infantil: significações de mães por meio de narrativas. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, 18 (3), Setembro/Dezembro de 2014, 501-509.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Variações sobre um antigo tema: a maternidade para mulheres com uma carreira profissional bem-sucedida. *In*: FERES-CARNEIRO, Terezinha (Org.). **Família e casal: efeitos da contemporaneidade**. Rio de Janeiro: PUC RIO, 2005, p. 122-137.

RUSCHEL, Ângela Ester; CASTRO, Odair Perugini. O vínculo intergeracional: o velho, o jovem e o poder. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 11(3), 523-539, 1998.

SCAVONE, Lucila (2004). **Dar a vida e cuidar da vida: feminismo e ciências sociais**. São Paulo: UNESP, 2004.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Feminismos, ações e histórias de mulheres**. São Paulo: Alameda, 2022.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: Cultura e processos de subjetivação**. Curitiba: Appris, 2018.



## APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa “**Intergeracionalidade e a Construção da Identidade Feminina**”, sob a responsabilidade da pesquisadora “**Mayse Itagiba Rooke**”. Nesta pesquisa pretendemos “**analisar a influência da intergeracionalidade entre mães e filhas na construção da identidade feminina**” por meio do **preenchimento de um questionário sociodemográfico e realização de uma entrevista, que será registrada em áudio, transcrita e posteriormente analisada. Os dados serão coletados durante uma visita domiciliar com duração prevista de 90 minutos.** Há benefícios e riscos decorrentes de sua participação na pesquisa. Os benefícios consistem em “**favorecer reflexões nas participantes acerca do processo de construção de sua identidade feminina, especialmente no seu papel ativo dentre os aspectos herdados. Além disso, procura-se expandir o conhecimento da temática, através de divulgação na área acadêmica a fim de socializar com o meio científico os achados do presente estudo**”. Os riscos na pesquisa são mínimos, uma vez que as atividades realizadas são semelhantes a escrever e a ler. Entretanto para evitar que ocorram danos “**você poderá solicitar suporte à pesquisadora responsável e interromper sua participação na pesquisa a qualquer momento**”. Caso haja algum dano ao participante será garantido ao mesmo procedimentos que visem à reparação e o direito a buscar indenização.

Para participar deste estudo o Sr.(a) não terá nenhum custo nem receberá qualquer vantagem financeira. O Sr.(a) receberá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para recusar-se a participar e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O(A) Sr.(a) não será identificado em nenhuma fase da pesquisa e nem em publicação que possa resultar. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a). Para qualquer outra informação o(a) Sr.(a) poderá entrar em contato com a pesquisadora por telefone **(12) 99600-3346, inclusive ligações a cobrar**, e-mail: **mirpsi@gmail.com**, ou endereço institucional: **Avenida Tiradentes, 500 - Jardim das Nações, Taubaté - SP, CEP 12030-180**. Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, o(a) Sr.(a) poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNITAU na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – centro – Taubaté, telefone (12) 3622-4005, e-mail: **cep.unitau@unitau.br**

O pesquisador responsável declara que a pesquisa segue a Resolução CNS 510/16

-----  
MAYSE ITAGIBA ROOKE

### Consentimento pós-informação

Eu, \_\_\_\_\_, portador do documento de identidade \_\_\_\_\_ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa “**Intergeracionalidade e a Construção da Identidade Feminina**”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações sobre a pesquisa e me retirar da mesma sem prejuízo ou penalidade.

Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) participante

Rubrica do pesquisador: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Número do Participante: \_\_\_\_\_ Data da coleta de dados: \_\_\_\_\_

(1) Data de nascimento: \_\_\_\_\_

(2) Etnia: ( ) Amarela ( ) Branca ( ) Indígena ( ) Parda ( ) Preta

(3) Escolaridade:

( ) Ensino fundamental incompleto ( ) Ensino fundamental completo

( ) Ensino médio incompleto ( ) Ensino médio completo

( ) Graduação/Técnico incompleto ( ) Graduação/Técnico completo

( ) Pós-graduação incompleta ( ) Pós-graduação completa

(4) Estado civil:

( ) casada ( ) união estável ( ) divorciada ( ) separada ( ) solteira ( ) viúva

(5) Profissão: \_\_\_\_\_

(6) Renda: ( ) até 1 salário mínimo ( ) de 2 a 3 salários mínimos

( ) de 4 a 6 salários mínimos ( ) acima de 7 salários mínimos

(7) Possui filhos? ( ) Sim Quantos? \_\_\_\_\_ (identificar o gênero) ( ) Não

(8) Religião:

( ) Sem religião – atéia ( ) Sem religião – agnóstica

( ) Católica ( ) Evangélica ou Protestante ( ) Espírita ( ) Budista

( ) Judaica ( ) Umbanda, candomblé ou outras religiões afro-brasileiras ( ) Outra

8.1. Com qual frequência pratica a religião?

( ) todos os dias ( ) semanalmente ( ) Pelo menos uma vez por mês

( ) Pelo menos 5 vezes por ano ( ) Pelo menos uma vez ao ano

## APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

1. O que é ser mulher para você?
2. Você acredita que sua mãe influenciou, de alguma forma, a maneira como você entende o “ser mulher”? Se sim, como foi essa influência?
3. Qual o papel social de uma mulher?
4. Você acredita que sua mãe influenciou, de alguma forma, a maneira como você entende o papel social feminino? Se sim, como foi essa influência?
5. Como a sexualidade de uma mulher deve ser expressa (orientação sexual, prática sexual)?
6. Você acredita que sua mãe influenciou, de alguma forma, a maneira como você entende a sexualidade feminina? Se sim, como foi essa influência?
7. Como são os relacionamentos amorosos de uma mulher?
8. O relacionamento amoroso é um pré-requisito para ser mulher?
9. Você acredita que sua mãe influenciou, de alguma forma, a maneira como você entende os relacionamentos amorosos? Se sim, como foi essa influência?
10. Qual o papel de um filho ou de uma filha na vida de uma mulher?
11. Quais são as funções maternas que a mulher deverá exercer neste papel?
12. Você acredita que sua mãe influenciou, de alguma forma, a maneira como você entende a maternidade? Se sim, como foi essa influência?

## APÊNDICE D: DEFINIÇÕES DAS CATEGORIAS PARA ANÁLISE DAS ENTREVISTAS ACERCA DO PAPEL DA INTERGERACIONALIDADE NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA

1. O que é ser mulher?

1.1. Visão social (n=7): relatos que indicam que a identidade feminina está relacionada à construção social do que é ser mulher.

Exemplo:

*“(...) acho que tem a ver com a identificação de um gênero que é socialmente construído (...)” (D1F).*

1.1.1 Características femininas determinadas (n=16): relatos que indicam qualidades femininas específicas para o ser mulher.

1.1.1.1 Tradicionais (n=10): relatos que indicam características consideradas tipicamente femininas.

1.1.1.1.1 Multitarefa (n=7): relatos que indicam que a mulher tem responsabilidades e consegue administrar vários papéis/tarefas simultaneamente.

Exemplo:

*“(...) conseguir fazer várias coisas ao mesmo tempo, ter organização (...)” (D2F).*

1.1.1.1.2 Carinhosa (n=3): relatos que indicam que a mulher é empática, agregadora, sensível às necessidades do outro.

Exemplo:

*“(...) mais sensível... não no sentido de chorar mais... mais sensível a coisas que a cercam assim... empatia assim... (...)” (D3F).*

1.1.1.2 Não Tradicionais: relatos que indicam características consideradas atipicamente femininas.

1.1.1.2.1 Forte (n=6): relatos que indicam que a mulher é independente, capaz de lidar com as adversidades da vida de forma autônoma.

Exemplo:

*“(...) de entender que mulher tem que ser forte (...) não tendo que depender, não tendo que dar satisfação, não ter que se curvar pra homem... então pra mim ser mulher não é fácil.” (D4M).*

1.1.2 Características a serem descobertas (n=4): relatos que indicam que a mulher necessita buscar uma identidade, buscar se afirmar, fazer-se existir na sociedade.

Exemplo:

*“(...) Toda mulher tem que correr atrás e eu vejo as mulheres fazendo várias tarefas ao mesmo tempo para se afirmarem... e os homens fazendo bem menos, porque já têm espaço na sociedade. Já tiveram tudo conquistado. E as mulheres correndo atrás para conquistar.” (D1M).*

1.2. Visão biológica (n=3): relatos que indicam que a identidade feminina está relacionada às questões biológicas do que é ser mulher, especificamente exercer a maternidade.

Exemplo:

*“(...) ... ser mulher... O que eu gosto de ser mulher é poder ser mãe, que eu adorei ser mãe, eu sempre quis ser mãe...” (D2M).*

2. Existe influência intergeracional de sua mãe na forma em como você entende o que é ser mulher?

2.1. Sim (n=10): relatos que indicam a presença de influência materna no que se refere à construção da identidade feminina.

2.1.1. Semelhanças (n=5): relatos que indicam apenas aspectos semelhantes em relação à sua mãe no ser mulher.

2.1.1.1. Cuidar (n=3): relatos que indicam semelhança no zelar pelo outro.

Exemplo:

*“(...) cuidar da gente (...)” (D5F).*

2.1.1.2. Trabalhar (n=2): relatos que indicam semelhança na valorização do trabalho.

Exemplo:

*“Eu vejo que na minha família as mulheres... eu admiro mais... os homens assim, não generalizando, os homens da minha família bebem mais, não trabalham e as mulheres, eu tenho mais admiração (...)” (D3F).*

2.1.1.3. Relacionar (n=1): relatos que indicam semelhança no modo como se relacionar amorosamente.

Exemplo:

*“(...) minha mãe sempre fala pra gente ter cuidado em se envolver com pessoas que gostam muito mais da gente do que você gosta dela. E acho que isso vem da ideia de que a gente precisa confiar desconfiando. Não precisar do outro, o outro ser complemento. A gente precisa se garantir sozinha, porque o outro não é uma certeza, nunca será uma coisa confiável. Então eu acho que minha mãe passa muito essa ideia assim, de precisar ser autossuficiente.” (D4F).*

2.1.2. Diferenças (n=1): relatos que indicam apenas aspectos diferentes em relação à sua mãe no ser mulher.

Exemplo:

*“(...) Minha mãe foi muito rígida, até hoje é. Ela não foi participativa, é distante psicologicamente de mim. É muito materialista. Isso me deixou muito frustrada. Não queria repetir com minha filha (...)” (D1M).*

2.1.3. Semelhanças e Diferenças (n=4): relatos que indicam tanto semelhanças quanto diferenças em relação à sua mãe na forma em como entende o ser mulher.

Exemplos:

*“Olha, a minha mãe é uma mulher forte, mulher destemida. E eu às vezes tenho vontade de ser como ela (risos). Eu acho assim, tem muita coisa nela que eu tenho vontade de ser. Tem muita coisa que eu não quero ser. Então assim eu apanhei muito da minha mãe quando criança(...)” (D5M).*

3. Qual o papel social de uma mulher?

3.1. Força vital (n=6): expressões que denotam que a mulher representa a base de tudo na sociedade, capacidade de exercer responsabilidades, de cuidar do outro, de trabalhar, etc.

Exemplo:

*“Eu acho que a mulher é a base de tudo. Onde tem uma mulher, acho que as coisas dão mais certo. De repente até esse negócio de organização, justamente por entender mais o outro, essa coisa intrínseca que a gente tem... não sei, a questão da maternidade... aquela coisa que a gente tem de cuidar, de pensar em cada detalhe, de fazer as coisas funcionarem. Então eu realmente acho que a gente é um pilar. Não tem como as coisas darem certo sem a gente.” (D2F).*

3.2. Encorajamento de outras mulheres (n=2): relatos que indicam que a mulher deve apoiar outras mulheres e reivindicar seus direitos.

Exemplo:

*“Ter voz ativa nas decisões, na política, no trabalho, em qualquer lugar que ela esteja.” (D1M).*

3.3. Relacionamento amoroso (n=1): relato que identifica que a mulher é qualificada a partir de seu relacionamento amoroso, ainda que a entrevistada não concorde com essa ideia.

Exemplo:

*“Eu acho que hoje em dia está muito relacionado à questão do casamento. Acho que já foi muito forte isso, mas eu ainda escuto muito isso, que o valor da mulher, a personalidade da mulher, dela ser boa ou ruim tá associado ao sucesso do relacionamento dela (...)” (D4F).*

3.4. Vaidade (n=1): relato que indica que a mulher é qualificada a partir do seu corpo, ainda que a entrevistada não concorde com essa ideia.

Exemplo:

*“(...) Eu acho que há um padrão muito ainda hoje vinculado à aparência física. Porque você pode não emitir nenhum tipo de comportamento, nenhum tipo de opinião, tom de voz, mas a sua posição física, sua aparência física é o primeiro olhar social (...)” (D1F).*

4. Existe influência intergeracional de sua mãe na forma em como você entende o papel social da mulher?

4.1. Sim (n=10): relatos que indicam a presença de influência materna no que se refere ao papel social feminino.

4.1.1. Semelhanças (n=5): relatos que indicam apenas aspectos semelhantes em relação à sua mãe no papel social feminino.



Exemplo:

*“(...) mas a minha mãe tinha esse papel de ser à frente do tempo dela. Quando ela se redescobriu na necessidade, se percebeu na necessidade de se redescobrir, ela teve que ser o que eu acho que sou, ou o que tento ser.” (D4M).*

4.1.2. Diferenças (n=2): relatos que indicam apenas aspectos diferentes em relação à sua mãe no papel social feminino.

Exemplo:

*“Não influenciou... (risos)... não é culpa dela, é a criação, a época. Fui construindo esse pensamento no transcorrer da vida, à medida que fui conhecendo os lugares.” (D1M).*

4.1.3. Semelhanças e Diferenças (n=3): relatos que indicam tanto semelhanças quanto diferenças em relação à sua mãe na forma em como entende o papel social feminino.

Exemplo:

*“(...) Então eu acho que me influencia sim de certa forma, porque eu fico entre uma ideia de pra ser independente, pra ser autossuficiente eu não preciso de ninguém, não querer ninguém e ao mesmo tempo querer e se eu quiser, tô cedendo uma pressão social, sabe?” (D4F).*

5. Como a sexualidade de uma mulher deve ser expressa?

5.1. Natural (n=9): verbalizações que referem que a sexualidade feminina deve ser expressa livremente, sem padrões ou julgamentos.

Exemplos:

*“De forma natural, cada um tem sua sexualidade, é individual. Cada um deve viver do jeito que é (...) não me importa que tipo de relação que ela tem, podemos amar qualquer pessoa. Agora... essas coisas foram construídas ao longo do tempo. Nos anos 2000 eu não pensava assim, a gente vai mudando, graças a Deus.” (D1M).*

*“Como ela quiser. Tem várias formas e tem mulher que gosta mais de mostrar o que ela acha bonito nela e é o jeito dela. E o contrário também. Do jeito que ela se sentir confortável.” (D3F).*

5.2. Padronizada (n=1): verbalizações que referem que a sexualidade feminina deve ser expressa a partir de um padrão tradicional, ou seja, a mulher devendo ser recatada e ter relacionamentos sexuais apenas com quem ama.

Exemplo:

*“Eu acho que a gente tem que ser misteriosa, não tem que ser tão esparramada. Não precisa ficar tanto se mostrando, sabe? Eu acho que quanto mais acanhada e misteriosa a gente fica, a gente acaba sendo mais sexy por um lado, gera aquela coisa: nossa, mas o que será que aquela menina esconde? Acho mais bonito isso. A parte mais romântica disso, porque eu sou mais romântica. A prática sexual pra mim é sagrado. Acho que a gente entra num envolvimento muito grande com uma pessoa quando a gente tá numa cama, fazendo ali, transando. Então eu acho sim que você tem que ter algum sentimento por aquela pessoa, porque é uma troca ali muito grande de energia, de tudo. Eu não acho que seja uma coisa, sei lá, animal, sabe? Eu acho que tem que ter uma coisa ali no meio, uma admiração que seja, algo assim.” (D2F).*

6. Existe influência intergeracional de sua mãe na forma em como você entende a sexualidade feminina?

6.1. Sim (n=10): relatos que indicam a presença de influência materna no que se refere à compreensão da sexualidade feminina.

6.1.1. Semelhanças (n=1): relato que indica apenas aspectos semelhantes em relação à compreensão da sexualidade feminina.

Exemplo:

*“(...) em casa isso nunca foi tabu, de me levar no ginecologista quando menstruei pela primeira vez, de conversar quando tive a primeira vez, de cuidado, de preservativo.” (D4F).*

6.1.2. Diferenças (n=7): relatos que indicam apenas aspectos diferentes em relação à compreensão da sexualidade feminina.

Exemplos:

*“Na verdade, o oposto (...)” (D5F).*

*“Não recebi nenhuma educação sexual da minha mãe, tanto que o assunto da gravidez nunca foi falado. Mas isso é uma questão que eu trouxe pra minha vida que isso jamais se repetiria com minha relação com filha, filho, com quem que fosse (...)” (D4M).*

6.1.3. Semelhanças e Diferenças (n=2): relatos que indicam tanto semelhanças quanto diferenças em relação à compreensão da sexualidade feminina.

Exemplo:

*“(...) A gente costuma acolher, isso é uma perspectiva que vem da minha mãe. Agora com meu posicionamento político, meu autoconhecimento, meu aprofundamento nessas questões, eu desenvolvi um olhar mais crítico assim dessas cobranças sociais.” (D1F).*

7. Como são os relacionamentos amorosos de uma mulher?

7.1. Padronizados (n=7): relatos que indicam determinadas características universais nos relacionamentos amorosos de uma mulher.

7.1.1. Romance (n=2): relatos que indicam que o relacionamento amoroso de uma mulher envolve amor, respeito e comprometimento.

Exemplo:

*“Acho que os relacionamentos de uma mulher sempre foram inconscientemente baseados em amor, em gostar, não só por exemplo, por sexo (...)” (D3F).*

7.1.2. Renúncia (n=2): relatos que indicam que o relacionamento amoroso heterossexual de uma mulher envolve renúncias, na qual a mulher sempre abrirá mão de algo em razão do companheiro.

Exemplo:

*“Eu enxergo os relacionamentos pras mulheres não como uma via de mão dupla... eu acho que ela sempre entende que precisa de uma necessidade de adequação mais do que o homem, talvez. O homem talvez seja mais livre nas relações. A mulher entende, pelo menos a meu ver, que se ela quer estar numa relação, ela precisa se adequar a algumas questões, ela precisa ceder em alguns pontos que ela não concorda. Ela precisa se acostumar com algumas coisas que ela não necessariamente concorda (...)” (D4F).*

7.1.3. Comodismo (n=2): relatos que indicam que a mulher tende a aceitar como o relacionamento amoroso está, independentemente de sua qualidade, não se opõe ou o encerra.

Exemplo:

*“Eu que já tô com 26, não... 27 anos... é complicado, a gente vai acostumando com a pessoa. Não é que o amor esfria, é que você acaba acostumando (...)” (D2M).*

7.1.4. Função Materna (n=1): relato que indica que a mulher em um relacionamento heterossexual realiza o papel de cuidar do companheiro, semelhante ao materno.

Exemplo:

*“Eu acho que na maioria das vezes nós mulheres somos aquela parte do carinho, do cuidado, do zelo de sempre. Mas às vezes, até do relacionamento que eu tive, a gente acaba sendo uma mãe né (...)” (D2F).*

7.2. Variável (n=3): relatos que não identificam um padrão de relacionamento amoroso de uma mulher.

Exemplos:

*“Acho que depende de muitas coisas. Como se identifica, por quem sente atração, a idade, o local onde vive, a religião.” (D1F).*

*“Então, depende da mulher né (...)” (D4M).*

8. Ter um relacionamento amoroso é um pré-requisito para ser mulher?

8.1. Não (n=10): relatos que indicam que para ser uma mulher independe dela estar em um relacionamento amoroso.

Exemplos:

*“Não. A gente só é, os seres são. Eu não preciso me relacionar com alguém para saber quem eu sou. Talvez relacionar com outros seres me mostre o que meu corpo deseja, mas não quem sou eu.” (D1F).*

*“Não, a mulher é mulher com ou sem um companheiro, uma companheira.” (D5F).*

9. Existe influência intergeracional de sua mãe na forma em como você entende um relacionamento amoroso?

9.1. Sim (n=9): relatos que indicam a presença de influência materna no que se refere ao entendimento de um relacionamento amoroso.

9.1.1. Diferenças (n=4): relatos que indicam apenas aspectos diferentes em relação ao entendimento de um relacionamento amoroso.

Exemplos:

*“Eu acho que observar mais do que ela me influenciar diretamente. Com algumas dificuldades que eu vi ela passando após a separação, das coisas que eu observo nos relacionamentos da minha família... que me fez ter essa ideia, essa concepção de relacionamentos” (D4M).*

*“Minha mãe sempre foi independente e forte, mas nunca conseguiu se ver assim. Cedeu para meu pai, pra tomar conta da casa, pra cuidar da gente. Eu queria ser independente, sair de casa (...)” (D5F).*

9.1.2. Semelhanças e Diferenças (n=5): relatos que indicam tanto semelhanças quanto diferenças em relação ao entendimento de um relacionamento amoroso.

Exemplos:

*“50%. Antes eu me inspirava. Só que assim, a gente vai crescendo, vai vendo que as coisas não são perfeitas, que não é bem assim (...)” (D2F).*

*“Sim, a minha mãe influenciou. Ela não falava com a gente sobre essas coisas, ela não gostava de sexo, então isso passou pra mim (...) Hoje, eu acho assim... eu mantenho relação com meu marido, não é sempre né... porque a idade já vai mudando. Mas quando eu era jovem, minha mãe pôs muito tabu na minha cabeça: Ah, porque vai ficar falada, ah, porque não pode, ah, porque é pecado. Eu casei virgem e aí eu não gostava. Tinha horário, meu marido sofreu muito na lua de mel. E quando isso acabou? Por isso que eu gosto muito da terapia, foi com terapia que eu melhor isso aí (...)” (D5M).*

9.2. Não (n=1): relato que indica a ausência de influência materna no que se refere ao entendimento de um relacionamento amoroso.

Exemplo:

*“Eu acho que nesse aspecto eu não relacionaria em nada com minha mãe.” (D1F).*

10. Qual o papel de um(a) filho(a) na vida de uma mulher?

10.1. Fundamental (n=4): relatos que indicam que ter um(a) filho(a) é tudo para uma mãe, referindo-se à realização de um sonho da mulher.

Exemplos:

*“Um filho é luz quando nasce. Você ensina pra ele tudo (...)” (D1M).*

*“Eu acho que é tudo, eu acho que é tudo... porque assim como a gente sabe que a gente foi um sonho pra minha mãe realizado, eu acho que só vou me realizar por inteiro quando for mãe, eu tenho essa necessidade, esse sonho, se Deus quiser eu vou conseguir sim ter, então eu acho que é fundamental.” (D2F).*

*“Nossa senhora... fora a felicidade que os filhos trazem pra gente... o papel do filho... não esquecer a mãe jamais, não desgrudar. Eu me realizei depois de ser mãe. Eu tinha medo de não realizar meu desejo de ser mãe. Só não tive mais por questão financeira, porque igual eu te falei, é complicado. Mas eu me realizei com minhas filhas.” (D2M).*

10.2. Companhia (n=3): relatos que indicam que o papel de um(a) filho(a) é representar uma boa companhia para mãe, compartilhar momentos juntos(as).

Exemplos:

*“(...) eu sempre penso em companhias bem queridas (...)” (D1F).*

*“Então, eu gosto... eu não sei se é o papel. Mas pra mim eu penso nessa proximidade, de estar junto, de poder fazer as comemorações (...)” (D3M).*

10.3. Ensinar (n=2): relatos que indicam que o papel de um(a) filho(a) é ensinar novas formas de viver/ser, transformar, promover descobertas e redescobertas na mãe.

Exemplo:

*“(...) Eu acho que é nesse sentido de trazer o novo né. Então até esse negócio da heteronormatividade, que eu ter um relacionamento homossexual abriu muito a cabeça da minha mãe. Que não foi fácil, mas dela abrir mais a cabeça mesmo, de que não precisava ser de determinado jeito, sabe? Quebrar esses paradigmas.” (D3F).*

10.4. Variável (n=2): relatos que indicam um papel distinto a cada filho(a), a depender de sua história de vida.

Exemplo:

*“Acho que depende dessa mulher, do que ela quer que ele seja. Ser mãe não significa não ser feminista ou ser conservadora. Eu, por exemplo, quero ter filhos, vários se puder. Mas eu entendo que cada pessoa vê a maternidade de uma maneira.” (D1F).*

10.5. Individualização (n=1): relato que indica que o(a) filho(a) tem o papel de se diferenciar de sua família, inclusive de sua mãe.

Exemplo:

*“(...) Acho que o papel dos filhos é se diferenciar, viver, mas saber que a mãe tá lá, tá junto independente da distância física.” (D3M).*

10.6. Certificação de feminilidade (n=1): relato que indica que o(a) filho(a) representa a confirmação da feminilidade da mulher, enquanto fértil e adulta.

Exemplo:

*“Eu acho que tem um quase um significado de feminilidade. Já que falam tanto que a mulher gosta de cuidar, serve pra cuidar, esse dom de cuidar, de maternar (...) a ser vista como adulta na família... como adulta e mais como mulher, não mais como menina. Eu acho que não deveria ser um marcador isso, pra mostrar que a pessoa amadureceu, não deveria ser o principal marcador.” (D4F).*

11. Quais funções maternas a mulher deverá exercer nesse papel?

11.1. Formar um(a) cidadã(o) (n=10): relatos que indicam que a mãe deve se responsabilizar fisicamente e afetivamente pelo(a) filho(a) com o intuito de promover o desenvolvimento de um indivíduo que desempenhe seus direitos e deveres na sociedade.

Exemplos:

*“(...) Aquela história que a gente cria o filho pro mundo (...) é criar menino bom. Então tem que ser pessoa que reflete mais do que julga, de abrir mais o horizonte de não julgar e levar as coisas mais na leveza (...)” (D3F).*

*“(...) Se você acompanha em tempo real o que está rolando, você consegue dar um suporte, uma boa instrução, acho que seria isso. Acho que pra minha vida, esse seria o maior foco, o principal objetivo.” (D4F).*

*“Acho que todas... do cuidado. Do cuidado com a alimentação, cuidado em todos os sentidos. A mãe precisa cuidar desse fruto. Então a gente tem essa visão que a vida toda... e é a vida toda que a gente vai estar cuidando das crianças (...)” (D5M).*

11.2. Estimular autonomia (n=4): relatos que indicam que a mãe deve promover a independência do(a) filho(a) em relação à sua família.

Exemplos:

*“(...) Sempre fazer o filho ser independente (...)” (D1M).*

*“(...) Todas elas, a gente ajuda um pouquinho. Mas é também perigoso essa relação, porque precisa voar (...)” (D5M).*

12. Existe influência intergeracional de sua mãe na forma em como você entende a maternidade?

12.1. Sim (n=10): relatos que indicam a presença de influência materna no que se refere ao entendimento da maternidade.

12.1.1. Semelhanças (n=4): relatos que indicam apenas aspectos semelhantes em relação ao entendimento da maternidade.

Exemplos:

*“Eu acho que a minha mãe trás muito essa ideia do filho como companhia prazerosa. Acho que também essa visão de que como coloquei essa pessoa no mundo, tenho responsabilidade por ela, mas devo estimular a ela ser independente. Acho que minha mãe teve muito isso comigo.” (D1F).*

*“Muito, porque foi muito positivo da parte dela, então com certeza.” (D2F).*

12.1.2. Diferenças (n=1): relato que indica apenas aspectos diferentes em relação ao entendimento da maternidade.

Exemplo:

*“Não. Para ela a maternidade era dar boa roupa, levar e buscar na escola. Uma mãe tem que brincar, conversar, perguntar se está bem, perguntar se precisa de alguma ajuda (...) Não foi culpa da minha mãe, ela não é culpada... é da época. Hoje em dia têm muitas mães que já fazem como eu (referindo-se à responsabilidade afetiva que tem pela filha).” (D1M).*

12.1.3. Semelhanças e Diferenças (n=5): relatos que indicam tanto semelhanças quanto diferenças em relação ao entendimento da maternidade.

Exemplos:

*“Ah, sim. Porque minha mãe era muito carinhosa, muito amorosa, muito presente. Sempre participava, fazia o que dava pra fazer. É o carinho, a atenção. Eu não tive muita instrução de muita coisa, porque era muito tabu naquela época. O pessoal tinha vergonha de falar tudo né, de perguntar. Mas fora isso, teve muita influência sim.” (D2M).*



*“Eu acredito que não, porque não foi uma coisa... mas também acredito que sim. Porque eu sei que não foi uma gravidez super planejada, então não era ideia da mãe cuidadora, da que sonha em ter uma criança (...)” (D4F).*